

UNIVERSIDADE SANTO AMARO

Curso de Psicologia

Tawane de Oliveira Gomes

MALALA YOUSAFZAI:

UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE ADOLESCÊNCIA E ATIVISMO

São Paulo

2021

Tawane de Oliveira Gomes

MALALA YOUSAFZAI:

UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE ADOLESCÊNCIA E ATIVISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro
- UNISA, como requisito parcial para obtenção do
título Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva

São Paulo

2021

G618 Gomes, Tawane de Oliveira

Malala Yousafzai: um estudo psicanalítico sobre adolescência e ativismo / Tawane de Oliveira Gomes. – São Paulo, 2021.

37 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Santo Amaro, 2021.

Orientador(a): Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva

1. Adolescência e psicanálise. 2. Psicanálise. 3. Ativismo e militância. I. Silva, Gerson Heidrich da, orient. III. Universidade Santo Amaro. IV. Título.

Elaborada por Maria Lucélia S. Miranda - CRB 8 / 7717

Tawane de Oliveira Gomes

MALALA YOUSAFZAI:

UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE ADOLESCÊNCIA E ATIVISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro - UNISA, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Psicologia. Orientador Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva

São Paulo, 08 de junho de 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gerson Heidrich da Silva

Prof^a. Diana M. J. Tavares Corrêa

Prof. Ms. Luis Claudio Bido

Conceito Final: _____

Agradecimentos

À todas as mulheres que lutaram e lutam para que todas nós possamos ter acesso a educação, ao conhecimento, em especial aquela que me trouxe ao mundo e com seu apoio ajuda-me a ir sempre mais longe.

À minha família e amigos, principalmente aos queridos psicofriends com quem dividi esses últimos cinco anos, tornando-os especiais.

Aos professores do curso de psicologia com quem aprendi a ver com curiosidade, respeito e ética, a diversidade e complexidade humana e da sociedade.

À Malala Yousafzai que com sua luta pela paz e a educação, despertou em mim a vontade de compreender o que leva alguém ainda na adolescência, a defender causas que podem chegar a quase custar sua vida.

RESUMO

O presente trabalho, tratando-se de um estudo psicanalítico sobre adolescência e ativismo, buscou apresentar a história da Malala Yousafzai e identificar quais seriam os possíveis conteúdos conscientes e inconscientes que teriam feito a adolescente tornar-se ativista. Para tal, uma pesquisa exploratória foi realizada, contendo, além de estudo de caso, uma revisão bibliográfica acerca da adolescência, ativismo e conteúdos conscientes e inconscientes na psicanálise. Obteve-se como resultado que o ativismo trata-se também de uma característica da adolescência, que aquilo que move o indivíduo está além do que lhe é consciente e pessoal. No caso de Malala, o engajamento nas causas que defende, o direito à educação e à paz, pode ser explicado pela importante identificação com figuras ideais mencionadas ao longo de seu livro, pela influência parental prolongada pelo Superego, pela sublimação das pulsões pelo Ego e pela busca de reconhecimento como característica da adolescência, que faz o adolescente colocar em prática desejos inconscientes do outro.

Palavras-chave: Adolescência e Psicanálise. Psicanálise. Ativismo e Militância.

ABSTRACT

The present work, being a psychoanalytical study on adolescence and activism, sought to present the history of Malala Yousafzai and identify what would be the possible conscious and unconscious contents that would have made the teenager become an activist. To this end, an exploratory research was carried out, containing, in addition to a case study, a bibliographical review about adolescence, activism and conscious and unconscious contents in psychoanalysis. It was obtained as a result that activism is also a characteristic of adolescence, that what moves the individual is beyond what is conscious and personal. In the case of Malala, the engagement in the causes he advocates, the right to education and peace, can be explained by the important identification with ideal figures mentioned throughout his book, by the prolonged parental influence by the Superego, by the sublimation of the drives by the Ego and by the search for recognition as a characteristic of adolescence, which makes the adolescent put into practice the unconscious desires of the other.

Keywords: Adolescence and Psychoanalysis. psychoanalysis. Activism and Militancy.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	5
2.	OBJETIVOS.....	6
2.1	Objetivo Geral.....	6
2.2	Objetivos Específicos.....	6
3.	CONTEXTO TEÓRICO	7
3.1	Adolescência.....	7
3.1.1	Adolescência e a busca por reconhecimento, identidade e ideologia.....	8
3.1.2	Adolescência, sociedade e violência	10
3.2	Ativismo e militância	11
3.3	Conteúdos conscientes e inconscientes	14
3.4	Malala Yousafzai	17
4.	METODOLOGIA.....	24
4.1	Procedimento.....	24
4.2	Coleta de dados.....	24
4.3	Resultados e Discussão	25
4.3.1	Análise de conteúdo das passagens elencadas do livro “Eu sou Malala”	27
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

1. INTRODUÇÃO

Aos 17 anos de idade, em 2014, Malala foi a vencedora do Prêmio Nobel da Paz, a mais jovem vencedora. A defesa pelo direito à paz e à educação que a fez ser laureada, quase lhe custou a vida em um atentado. A violência a qual esteve exposta no regime talibã, a forma como se posicionou diante desse contexto, mas também a história de seu país, de sua família, infância e adolescência são compartilhadas em seu livro, material utilizado no estudo de seu caso.

Na adolescência, período que se inicia com a puberdade, as mudanças corporais são evidentes, das quais destacamos as instabilidades, os desequilíbrios, ambivalência emocional, dor, confusão e transgressões das mais diversas ordens. Há, também, uma intensa busca por uma nova identidade e por reconhecimento, como preconizam alguns autores, dentre eles, Calligaris (2009).

O ativismo também é uma característica da adolescência no plano individual e a militância no coletivo. São ações práticas tomadas com base em uma causa, ideia ou ideologia, visando a modificação de condições vividas das quais não se concorda. Panfletagens, manifestações em espaços públicos, boicotes, ocupações, guerrilhas e piquetes são algumas dessas ações, buscando, às vezes à força, um suposto lugar de pertencimento.

Ao buscar identificar, utilizando como instrumento a psicanálise, o que teria ocasionado o engajamento de Malala nas causas defendidas pela adolescente, este trabalho contribui com a reflexão sobre o que pode levar os indivíduos nessa faixa etária, a se posicionarem no mundo da forma como posicionam-se, com seus pensamentos e ações, especialmente quando esse posicionamento pode ser considerado lúcido e ativo.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Apresentar a história da adolescente Malala Yousafzai e identificar, sob o olhar da psicanálise, possíveis conteúdos conscientes e inconscientes que a fizeram se tornar ativista.

2.2 Objetivos Específicos

- Conceituar o termo adolescência e retratar a busca nesse período por reconhecimento, identidade, ideologia e a relação dela com a sociedade e a violência;
- Definir ativismo, militância e caracterizar ativistas e militantes;
- Descrever o que é nomeado pela teoria psicanalítica como conteúdos conscientes e inconscientes.

3. CONTEXTO TEÓRICO

3.1 Adolescência

A adolescência e a puberdade são, como pontuado por Juca e Vorcaro (2018), tidas como diferentes pela teoria psicanalítica. Enquanto a puberdade consiste em mudanças corporais provocadas pela maturação biológica para que o físico fique apto a reproduzir, a adolescência é um evento socioculturalmente circunscrito com a puberdade.

Para Viola e Vorcaro (2015, p. 62):

Embora não seja um conceito da Psicanálise, a adolescência é um tema de grande importância para a práxis psicanalítica, na medida em que sua transição acarreta implicações fundamentais para o sujeito e para o laço social. Mesmo que não trate especificamente da adolescência, em diversos momentos de sua obra Freud aborda a puberdade, evento orgânico que faz o sujeito adotar. Da obra freudiana, passando pelos autores pós-freudianos e pelo ensino lacaniano, até os autores contemporâneos do campo psicanalítico, muitos se debruçam sobre esse tempo de travessia. A adolescência, efeito da puberdade, é instigante, provocativa e embaraçosa. Condição subjetiva de amplo impacto na sociedade e na cultura, ela incorpora, coletivamente, certos sintomas de seu tempo. [...]

Segundo Calligaris (2009), as qualidades subjetivas, especialmente de ser invejado e desejado, e os valores sociais que o indivíduo é instruído a assumir durante sua infância não podem ser realizados quando seu corpo chega a maturação, momento indicado pela puberdade, mas sim quando receberem permissão dos adultos para tal, porém essa é postergada por tempo indeterminado, instituindo assim, uma moratória chamada de adolescência.

Esse período que é idealizado como feliz, cultuado pela sociedade moderna é tido também como objeto de admiração, inveja, ojeriza, desconfiança, medo, como um meio dos adultos darem forma aos seus sonhos de evasão ou liberdade, como também aos seus pesadelos de desordem e de violência.

De acordo com Aberastury e Knobel (1981), a adolescência é uma etapa de desenvolvimento, de processo, e o funcionamento do adolescente nomeado por ele como, “síndrome normal da adolescência”, caracteriza uma entidade semipatológica em que estão presentes extremas instabilidades e

desequilíbrios. Os autores ressaltam que essa crise, que é perturbada e perturba o mundo adulto, é de extrema necessidade para o adolescente, pois através dela, realizará o objetivo primordial dessa etapa da vida: o estabelecimento de sua identidade.

Esse momento, além de exigir do jovem, que enfrente o mundo adulto, exige também um desprendimento do mundo infantil ao qual estava adaptado. Para Aberastury e Knobel (1981), esse período composto de fricções com a família e o meio social, ambivalência, dor, contradições, confusão, flutuação extrema entre dependência e independência, é também crucial e decisivo para a vida do sujeito e para o processo de desprendimento que se iniciou em seu nascimento.

Cassorla (2012) acredita que nessa fase há a manifestação intensa de ambivalência emocional por parte do adolescente que consegue amar e se identificar, de forma sadia, com seus pais, usando o compartilhamento de vivências e experiências entre eles para sentir-se forte ao ter de enfrentar a vida. O adolescente pode sentir, ao mesmo tempo, inveja dos pais, por supor que nunca vai conseguir ultrapassá-los, já que tende a fantasiar que se trata de pessoas mais fortes e capazes.

Essa ambivalência também pode-se dar por parte dos pais, que ao estimularem o filho a viver sua própria vida, sentem orgulho, vendo-o como produto do seu amor. Mas, podem sentir inveja e terror no sentido de que ele viva a sua própria vida, de maneira melhor do que eles viveram as suas, resultando em uma sensação de que foram roubados (CASSORLA, 2012).

3.1.1 Adolescência e a busca por reconhecimento, identidade e ideologia

Para Aberastury e Knobel (1981), as incontroláveis modificações corporais e os imperativos sociais são para o adolescente mudanças que ocasionam a perda de sua identidade infantil e provocam uma longa, consciente e inconsciente busca por uma nova identidade. Essa busca demanda muita energia, e a nova identidade só começa a surgir quando o adolescente aceita as suas mudanças corporais depois de, simultaneamente, ter aceitado seus aspectos infantis e adultos.

Dessa forma, a imagem que o adolescente possui do corpo maduro com o qual se insere no mundo, muda a sua identidade e faz com que inicie a busca por uma ideologia que o auxilie a se adaptar ou modificar esse mundo mediante a ação.

Ainda para Aberastury e Knobel (1981), essa ideologia, como também um sistema de valores utilizados para confrontar com os do meio em que vive e para, como críticas construtivas, rejeitar determinadas situações, só são adquiridos pelo sujeito quando este, além de ter chegado à maturidade biológica, chegou também à maturidade afetiva e intelectual. Por conta delas, o adolescente também:

Confronta suas teorias políticas e sociais e se posiciona, defendendo um ideal. Sua idéia de reforma do mundo se traduz em ação. Tem uma resposta às dificuldades e desordens da vida. Adquire teorias estéticas e éticas. Confronta e soluciona suas idéias sobre a existência ou inexistência de Deus e a sua posição não é acompanhada pela exigência de um submeter-se, nem pela necessidade de submeter. (ABERASTURY e KNOBEL, 1981, p. 15).

Sentindo-se inseguro por não saber ao certo o que é, já que perdeu e teve de renunciar, para crescer, ao amor que tinha garantia como criança e por não ser ainda reconhecido como adulto, o adolescente passa a buscar esse reconhecimento. Para ser reconhecido, o adolescente tenta interpretar quais expectativas os adultos têm dele, respondendo-as ao colocar em prática os ideais que são desejos reprimidos dos adultos (CALLIGARIS, 2009).

Já conforme Cassorla (2012), o sujeito, quando criança adia ou nega que é um ser separado de seus pais e que terá de descobrir quem (se) é e como utilizar esse ser para adquirir experiências e viver a sua vida. Dando-se permissão de ser um sujeito que sinta que vale a pena viver a vida, mas quando chega na fase de suma importância, que é a adolescência, tem de entrar em contato com essa realidade fundamental.

Essa busca por um encontro consigo mesmo, além de implicar em turbulências, dificuldades e satisfações, implica também que o jovem abandone a proteção de seus pais, o que geralmente ocorre através do rebelar-se contra essas figuras.

Cassorla (2012) também informa que ao se rebelar, o jovem tem de se munir com sua energia para lidar com conflitos complexos, e que tende a ser uma presa, pois sente-se atraído e assustado pela defrontação com desafios do mundo fora de seu núcleo familiar. Há, também, o temor por ter de

abandonar, no real e/ou no imaginário, os pais que lhe dão proteção contra os obstáculos e os sofrimentos da vida.

3.1.2 Adolescência, sociedade e violência

Segundo Aberastury e Knobel (1981), a sociedade esconde através da rotulação da adolescência como difícil, sua hostilidade, inexorabilidade e incompreensão. Essas características podem se mostrar evidentes quando há um crescimento ativo e lúcido que impõe o indício de que algum indivíduo, a partir de suas transformações pessoais, tem o intuito de agir sobre e causar modificações no mundo.

Para os autores, o mundo adulto recebe esse crescimento como ataque, julgamento, ameaça e incômodo, respondendo com sua não compreensão, rejeitando e reforçando a sua autoridade frente ao adolescente. Assim, o uso da violência como enfrentamento por jovens que estão inconformados e que resulta somente na paralisação do processo e em destruição é a reação à violência institucionalizada utilizada pela família e pela sociedade.

A violência e a destruição presentes na sociedade, com seus impactos na garantia de sobrevivência, são para o adolescente obstáculos na sua busca por desprendimento das figuras paternas, por uma sociedade que utilize a agressão em prol da vida e ensine as novas gerações a não visarem a morte, mas sim a vida. Assim, "o adolescente, cujo destino é a busca de ideais e de figuras ideais para se identificar, depara-se com a violência e o poder e também os usa." (ABERASTURY e KNOBEL, 1981, p.19)

Para Cassorla (2012), a violência que pode ser vista como antítese do amor, se apresenta de muitas maneiras na sociedade como forma básica, em que falta para as pessoas condições mínimas de sobrevivência, fazendo com que estas pessoas se deparem com a fome, miséria e falta de oportunidades. Desse modo, essas pessoas são vistas como objetos de uso e de abuso, além de serem desumanizadas e, concretamente submetidas a acidentes, maus-tratos, tortura, morte e condutas autodestrutivas.

A violência social faz preferencialmente das crianças e dos adolescentes suas vítimas, devido à condição de maior vulnerabilidade apresentada por eles. É uma trajetória que tem origem em estímulos internos de agressividade e

sexualidade, que invadem seu ser e são difíceis de controlar, como também na interação com um mundo externo que não lhe dá permissão para se transformar adequadamente, de forma gratificante, lhe possibilitando pensar e agir utilmente para si e para os outros (CASSORLA, 2012).

O adolescente, nesse contexto, passa a viver em um estado confusional, não sabendo o que deve ou não deve fazer e nem como fazer, sem conseguir diferenciar o certo do errado, o bom do mau, o criativo do destrutivo, encontrando-se atrapalhado, perdido e sem ter a quem recorrer. Pois, atualmente, os adultos que deveriam lhe servir de figuras para identificação e também lhe fazer perceber que é diferente deles, se encontram vivendo e se comportando de forma confusa e perdida como ele.

Ainda segundo Cassorla (2012), essa confusão, que gera angústia e desespero, faz com que o normal conflito entre gerações que propicia ao jovem diferenciar-se de seus pais e se tornar ele mesmo, ao negá-los, é prejudicado. Ao invés de uma violência controlada e normal que é esperada nesse momento, surge uma violência indiscriminada direcionada a tudo e a todos, podendo ser a única forma de lidar com essa confusão. Dessa forma, em um ciclo vicioso, o adolescente passa a violentar a sociedade que o violentou.

3.2 Ativismo e militância

Segundo Dicio (2020), o termo ativismo, que tem como sinônimo militância, representa a realização de argumentos ou doutrinas que visam a transformação efetiva da realidade em que se vive, defendendo-se uma causa ou transformando a sociedade com o uso de ação prática.

Para Luvizotto (2016), o ativismo é entendido como o tomar parte em uma ação em que se delibera, atua, discute, participa e executa ações para defender uma causa, ideologia ou ideia, com objetivo de realizar transformações sociais. As ideias que o ativista defende são religiosas, políticas, sociais ou de outros tipos com caráter identitário. Essas podem motivá-lo a ter uma ação ativista como, entre outras, a causa do movimento negro, feminista, LGBTT, ambientalista, do anticapitalismo e do ativismo jurídico.

Já em Young (2014), o ativista apresenta sua postura como um modelo correto de ser cidadão, é comprometido com valor normativo, justiça social idealizando que esses devem ser promovidos por meio de medidas concretas por todo indivíduo que é politicamente responsável. Acredita que as instituições políticas e econômicas da sociedade em que vive, em seu normal funcionamento, causam ou reproduzem problemas agudos como injustiças por suas práticas e regras e se opõe as políticas e ações que são utilizadas por elas, desejando que sejam mudadas e que se reduzam esses males, injustiças com ações e políticas concretas.

Para a autora, a paixão por justiça que move o ativista pode estar acompanhada de frustração e raiva, que são direcionadas à intransigência dos sujeitos que comandam as instituições existentes, sendo que o ativista acredita que essas pessoas agem de forma arrogante e indiferente às injustiças que supostamente negam ou perpetuam, justificando como benéficas suas medidas e as instituições para quem respondem.

Assim, o ativista expressa sua indignação pela perpetuação da violência por essas instituições e seus responsáveis, pois acredita ser essa uma forma de levar outras pessoas a agir. Utiliza para isso panfletagens, guerrilhas, manifestações de rua, piquetes, boicotes e ocupações julgando serem mais eficazes do que se juntar aos que critica e, combate as políticas, para apresentar suas críticas e elaborar acordos (YOUNG, 2014).

De acordo com Veiga-Neto (2012), tanto a militância (*actio militaris*) como o ativismo são um agir para frente, ou seja, são ações para mudança de posição, para chegar a uma situação diferente da que se possui no presente. Mas, enquanto a militância é coletiva por constituir-se de comunidade em que seus membros assumem e partilham um ideário comum, tomando um conjunto de ações coletivas a partir dele, o ativismo é individual e nele a dimensão e o agir coletivo ficam em segundo plano. Isso porque, o compromisso ético com atitude de coerência e verdade em relação aos demais e consigo mesmo, com a reflexão e o reajustamento contínuo do ativista vem em primeiro lugar.

Ainda segundo o autor, a militância é caracterizada pela sua disciplina, resistência, repetição e por seus membros seguirem um conjunto de ideias, ações, preceitos que foram traçados anteriormente por outras pessoas, e que acabam imitando. Já o ativismo caracteriza-se pela liberdade, a contraconduta,

a diferença e pelo ativista não ter limites, não seguir um compilado de ideias, mas se torturar tentando simultaneamente mudar a si mesmo e promover a mudança nas outras pessoas. As funções de militante e ativista podem ser desempenhadas pela mesma pessoa, dependendo do propósito político que ela almeja alcançar, não devendo assim, existir juízo de valor referente às diferenças apresentadas por elas.

Sales (2019) informa que as expressões ativismo e militância ainda se encontram predominantemente utilizadas como sinônimos no cenário brasileiro, mas que essa utilização, mesmo que as palavras deem nome a fenômenos semelhantes é imprecisa ao considerar-se os questionamentos que vêm sendo feitos às formas tradicionais de contestação pelos movimentos contemporâneos.

Assim, mesmo que as duas nomeiem metodologia para se produzir ações coletivas visando intervir/ interferir nas normas socialmente vigentes, faz-se necessário reconhecer que se tratam de metodologias diferentes, e que ao serem usadas como sinônimos têm suas diferenças homogeneizadas. Ou seja, diminui os esforços dos que atuam nelas para reinventar seus modos de ação e traz dificuldade para analisar o que existe de singular nas formas que esse fenômeno se expressa no cenário público nacional.

De acordo com o autor, a disciplina, a centralização e a heteronomia são frequentemente valorizadas em ambientes militantes, fazendo com que a subjetivação militante, que nesse caso “trata-se de uma concepção onde se procura associar elementos discursivos de natureza mais coletiva e geral com aqueles de ordem relacional e singularizado.” (SALES, 2019, p.57), tenha a tendência de ser menos flexível, ter a moralidade enrijecida como meio de expressão, valorize comportamentos radicais e tenha dificuldade de se adaptar a mudanças.

Já em ambientes ativistas são incentivadas a autonomia, a experimentação, a horizontalidade e a subjetivação ativista, caracteriza-se pela expressão por meio de uma ética situacional, pela flexibilidade, por valorizar maior tolerância a mudanças e comportamentos que sejam adaptados às necessidades locais (SALES, 2019).

3.3 Conteúdos conscientes e inconscientes

Segundo Freud (1969), o termo psicanálise foi designado ao procedimento usado para investigar os processos mentais que são muito difíceis de serem acessados de outras formas, ao método que se baseia na investigação dos processos mentais para tratar distúrbios neuróticos e à coleção de informações psicológicas reunidas por essas duas linhas, resultando em uma nova disciplina científica.

Para Bock (2001), a psicanálise é um termo dado à teoria que envolve informações sistematizadas sobre como se dá o funcionamento da vida psíquica, um método de investigação interpretativo que busca no que é manifesto através das palavras, ações ou produções imaginárias, um significado oculto. A prática profissional diz respeito a uma forma de tratamento que visa o autoconhecimento ou a “cura” por meio desse autoconhecimento. A psicanálise também pode ser utilizada para analisar e compreender os fenômenos sociais de relevância. Dessa forma, o psicanalista é aquele que aplica o método psicanalítico no tratamento de pacientes, famílias, grupo de pessoas, comunidades ou até mesmo na interpretação de acontecimentos do mundo (HERRMANN, 2015).

O estudo do desenvolvimento individual do ser humano, levou ao conhecimento de um aparelho psíquico que tem a vida anímica (psique) como função. Sobre o que é denominado psique, sabe-se duas coisas, o órgão corporal e o seu cenário, o encéfalo (sistema nervoso), e os atos conscientes que estão ao alcance imediato das pessoas, não podendo se tornar mais acessíveis por qualquer outra forma de descrição. Porém, tudo o que está entre os dois é desconhecido (FREUD, 2014 [1940]).

Segundo Herrmann (2015), o aparelho psíquico é o que há de mais individual entre todos os atributos dos indivíduos e a teoria freudiana sobre ele tem seu início na separação desse aparelho em instâncias e regiões indo de encontro com a ideia de que o indivíduo não pode ser dividido, mostrando também, que ele não está centrado na consciência como se acreditava estar. Ainda segundo o autor, Freud criou dois modelos para explicar o funcionamento da psique, um intitulado como primeira teoria tópica que diz respeito a como os conteúdos mentais estão dispostos entre três sistemas, o consciente, o pré-

consciente e o inconsciente e o outro, a segunda tópica, conhecida também como teoria estrutural, que fala das funções da psique e as estruturas psíquicas responsáveis por cada uma delas: o id (Isso), o ego (Eu) e o superego (Supereu).

O consciente, de acordo com Bock (2001), é o sistema que possui acesso tanto a informações do mundo exterior como do interior. Faz parte da consciência tudo aquilo que é conhecido, o fenômeno da percepção, as lembranças, a memória, como também, tudo que é concebido nas palavras, exceto os próprios processos de concepção, que entre seus conteúdos, tem os demasiadamente carregados de prazer ou desprazer e afeto como centros de maior atenção na investigação psicanalítica (HERRMANN, 2015).

O pré-consciente é o sistema que fica entre o consciente e o inconsciente, tem como função principal a seleção de vias de pensamento e atos motores para a consciência e nele estão conteúdos não tão incômodos, que são guardados, esquecidos devido ao processo de supressão, mas que podem chegar, em menor ou maior grau de dificuldade, à consciência (HERRMANN, 2015).

Já o inconsciente, que em seu funcionamento rege-se por leis próprias como a atemporalidade, constitui-se de conteúdos propriamente inconscientes e daqueles que outrora conscientes, ao serem reprimidos, tornaram-se inconscientes, não possuindo acesso aos outros dois sistemas devido à ação de censuras internas (BOCK, 2001).

Entre as instâncias psíquicas do aparelho psíquico, a mais antiga é denominada como Isso. O poder dessa instância expressa o verdadeiro propósito vital do ser individual, a satisfação de suas necessidades inatas, e o seu conteúdo que é hereditário, já está presente no nascimento quando de fato se estabelece constitutivamente, “especialmente, portanto, as pulsões, oriundas da organização corporal, que aqui encontram uma primeira expressão psíquica em formas que nos são desconhecidas.” (FREUD, 2014 [1940], p.17). Assim, para Freud, uma criança recém-nascida tem psicologicamente somente essa instância (HERRMANN, 2015).

Ainda segundo o autor, as pulsões são forças que se supõe existir por trás das tensões que são motivadas pelas necessidades do Isso e com sua natureza conservadora visa restabelecer o estado alcançado quando este é

abandonado, fazem a representação das exigências corporais para a vida anímica. Das múltiplas pulsões existentes, são fundamentais apenas Eros/pulsão de amor que tem como objetivo proporcionar a ligação, ou seja, produzir maiores unidades e mantê-las e a pulsão de destruição/ morte, que ao contrário da anterior, leva à dissolução das conexões, a destruição das coisas, e o organismo vivo a um estado inorgânico como objetivo final.

Para Freud (2014 [1940]), a instância psíquica nomeada como Eu tratava-se anteriormente de uma parte que integrava o Isso e se desenvolveu de forma especial devido à influência provocada pelo mundo exterior real. Assim, de uma camada limítrofe com o exterior que contava com órgãos de captação dos estímulos e dispositivos de proteção contra estímulos, passou a ser uma organização que media o Isso e o mundo exterior.

O Eu, além de dispor sobre os movimentos voluntários, tem a autoconservação como tarefa, desempenhando-a no exterior quando se apercebe dos estímulos, armazena na memória as experiências sobre eles, realiza a fuga para evitar estímulos que são muito fortes, adapta-se como forma de enfrentar estímulos que são moderados e aprende a modificar o mundo exterior adequando-o ao que lhe convém, e no Isso, quando ao obter domínio sobre as exigências das pulsões, realiza a decisão entre lhes permitir a satisfação, adiar essa satisfação para o momento e circunstâncias mais favoráveis ou reprimir suas excitações por inteiro.

Para realizar essa atividade, o Eu guia-se pela consideração das tensões dos estímulos que estão em si, ou por aqueles que lhes foram introduzidos. Algo no ritmo da mudança entre as tensões faz com que ao se elevar sejam sentidas como desprazer e ao rebaixar como prazer, e o Eu, que ao ansiar por prazer, evita o desprazer, responde ao aumento previsto e esperado desse último com um sinal de angústia, tendo sua manifestação vinda do interior ou exterior, intitulada como perigo.

Já o Supereu é uma instância especial formada no Eu, por conta dos resíduos da infância em que o indivíduo, em um longo período de formação, encontra-se vivendo dependente de seus pais, com o intuito de que a influência parental seja prolongada. Nessa influência estão presentes a entidade pessoal dos pais, o que eles representam, isto é, as exigências do meio social e o que eles transmitem: as tradições de família, povo e raça; como também as

contribuições daqueles que os substituem e sucedem: os modelos públicos de honrados ideais presentes na sociedade, educadores, entre outros. Ao separar-se ou se contrapor ao Eu, o Supereu transforma-se em um terceiro poder que o Eu deve gerir (FREUD, 2014 [1940]).

Freud (2014 [1940]) diz também que uma ação do Eu é correta quando são supridas as exigências do Isso, do Supereu e da realidade. Mas, a eficácia do cumprimento de suas funções sofre alteração devido a esse poder ser, para as outras estruturas e para o mundo externo, objeto de amor ou de desprezo, como de censura ou apreciação, por tratar-se também de um conjunto de representações (HERRMANN, 2015).

Diferente do Eu que é designado pelo que acontece no momento atual, o Isso e o Supereu trazem, apesar de suas diferenças, como ponto em comum, a representação de influências do passado, sendo respectivamente, as hereditárias e as recebidas por outros (FREUD, 2014 [1940]).

3.4 Malala Yousafzai

Malala Yousafzai, nome que lhe foi dado em homenagem a maior heroína do Afeganistão, Malalai de Maiwand, por seu pai Ziauddin e sua mãe Tor Pekai, nasceu em 12 de julho de 1997, no vale do Swat, que fica no Paquistão. “Nasci menina num lugar onde rifles são disparados em comemoração a um filho, ao passo que as filhas são escondidas atrás de cortinas, sendo seu papel na vida apenas fazer comida e procriar.” (YOUSAFZAI e LAMB, 2013, p.21).

Ainda segundo Yousafzai e Lamb (2013, p.28), Malala tem uma família que “é pequena para os padrões do Swat, onde a maior parte das pessoas tem sete ou oito filhos.” É irmã mais velha de dois meninos, Khushal com quem brincava e brigava mais por terem diferença de dois anos de idade, e Atal de quem tem quase cinco anos de diferença.

Na sociedade em que vive, os casamentos em sua grande maioria são arranjados pelas famílias. Porém, o casamento de seus pais, que eram de aldeias vizinhas, aconteceu por eles se apaixonarem quando seu pai ia estudar na casa do tio dele, que ficava próximo à casa da tia de sua mãe. Informa que sua mãe, com quem ela e os irmãos passavam mais tempo, por seu pai ser

ocupado e não ficar muito em casa, começou e parou de frequentar a escola aos 6 anos de idade.

Desse modo, sua mãe não sabe ler nem escrever, é uma pessoa muito religiosa, desaprova a dança por acreditar que Deus não a aprova. Porém, gosta de se arrumar com peças bonitas, como roupas bordadas e joias douradas. Sobre isso, a jovem Malala comenta: “acho que sou um pouco decepcionante para ela, pois puxei a meu pai e não ligo para roupas e joias.” Continua: “Fico entediada no mercado, mas adoro dançar a portas fechadas com minhas amigas de escola.” (YOUSAFZAI e LAMB, 2013, p.31).

Em relação a seu pai, Malala informa que este não é igual a maioria dos homens pachtuns, pois trata as mulheres com respeito. Considera que o conhecimento é mais importante do que qualquer outra coisa, transmitindo para ela o grande amor ao aprendizado, ao conhecimento e uma aguda consciência em relação aos direitos que recebeu do pai dele.

Ele, seu pai, pensa que todos devem ter o direito de acesso à escolarização, se empenha em salvar o meio ambiente e o vale em que vive. Depois de formado, lecionou aulas de inglês em uma faculdade particular, mas com o tempo, tornou-se diretor de sua própria escola, presidente da Associação de Escolas Particulares do Swat, além de presidente do Conselho Global da Paz e porta-voz do conselho dos anciãos.

O avô paterno de Malala, que também lecionava aulas em uma faculdade, mas como professor de teologia, era conhecido pelos discursos que fazia, gostava de falar sobre política e se posicionava contra o abismo entre ricos e pobres, contra o sistema de classes e que Khans (líderes políticos locais) continuassem no poder.

A família de sua mãe, integrada por mulheres fortes e homens influentes, também tinha forte envolvimento com a política local, posicionando-se contra a guerra e até mesmo, participando de partidos nacionalistas seculares.

Desde pequena, Malala, mesmo não gostando de acordar cedo para ir à escola, empenhava-se nos estudos para que conseqüentemente fosse bem nas avaliações. Pois, competia com suas amigas pelo primeiro lugar, chegando em uma ocasião a ficar perturbada e chorar muito quando não conseguiu essa posição.

De acordo com Malala, ela cresceu em uma escola. Quando criança brincava no pátio da escola de seu pai, jogava críquete na rua com outras crianças, fazia piquenique e brincava de casamentos de faz de conta com suas primas. Participava de muitas coisas como o teatro, a arte, o canto e a peteca.

Já adolescente, Malala gostava de conversar e dividir com suas amigas coisas como cremes clareadores, filmes da série Crepúsculo e músicas do cantor Justin Bieber. Comparava sua aparência com as de suas amigas, lia livros de autores (as) como Jane Austen, Ana Karênina, Leon Tolstói, usava roupas modernas e não cobria seu rosto, dizia amar a natureza e sonhar acordada como seu pai.

Malala e sua família, assim como muitas pessoas do *Swat*, fazem parte de uma tribo chamada Yusafzai, considerada uma das maiores tribos pachtuns, em que seus integrantes se encontram tanto no Paquistão como no Afeganistão.

Seus ancestrais chegaram ao Vale do *Swat* no século XVI e ao fazerem com que as tribos que lá viviam saíssem do local, dividiram as terras entre si e implantaram o sistema *wesh*, em que as famílias deveriam mudar de povoado a cada cinco ou dez anos para que todos pudessem ter a chance de trabalhar em terrenos bons como também em ruínas e para que clãs rivais não tivessem motivo para brigar entre si. Porém, os *Khans* que governavam as aldeias como também as pessoas de uma mesma família mantinham disputas infundáveis entre si, as quais provocavam grande derramamento de sangue com o uso de armas de fogo. Devido a isso e a ameaça de que os britânicos tomassem seus domínios, optaram pela procura de um homem imparcial para resolver as disputas e para governar toda a área.

Esse homem foi Miangul Abdul Wadood, que mesmo sendo iletrado, estabeleceu a paz no vale, optou por acabar com o sistema *wesh*, estabeleceu um sistema de telefonia e construiu a primeira escola primária. Depois dele, seu filho, Miangul Abdul Haq Jehanzeb ocupou este cargo, fazendo com que o vale prosperasse, mesmo que não permitisse a liberdade de expressão, ao construir várias escolas, estradas, hospitais e eliminar a obrigação que as pessoas tinham de pagar impostos aos *Khans*. Esse ao abdicar em 1969, fez com que o vale do *Swat*, antes autônomo, se tornasse parte da Província da

Fronteira Noroeste do Paquistão, que posteriormente passou a se chamar Khyber Paktunkhwa (KPK).

Ainda sobre os pachtuns, Malala informa que se trata de um povo orgulhoso que abomina a desonra pois o valor mais importante do código Pachtunwali, que seguem há séculos é a honra, também sendo o oferecimento de hospitalidade a todos, uma imposição desse código.

Malalai de Maiwand, que serviu como inspiração para que o exército afegão derrotasse o britânico na Segunda Guerra Anglo-Afegã, é como a Joana d'Arc para os pachtuns que crescem ouvindo sua história. Sobre ela, Malala pontua:

Meu pai contava a história de Malalai a toda pessoa que viesse à nossa casa. Eu a adorava, assim como amava ouvir as músicas que ele cantava para mim e a maneira como meu nome flutuava ao vento quando alguém o chamava. (YOUSAFZAI e LAMB, 2013, p.23).

Acerca do Paquistão, país de origem de Malala, este foi criado em 1947 ao ser separado da Índia, quando os colonizadores britânicos concederam independência a essa última. Com registro de golpes militares em sua história, faz-se necessário evidenciar o dado pelo general Muhammad Zia-ul-Haq, já que foi ele quem transformou o país em oficialmente muçulmano, através de uma campanha de islamização e se utilizando do exército para defender além de fronteiras geográficas, as ideológicas (YOUSAFZAI e LAMB, 2013).

Em seu regime, muitas madrasas (escolas religiosas) foram abertas e os estudos religiosos nessas, foram trocados por estudos islâmicos, houve a atualização de livros didáticos com objetivo de que esses descrevessem o Paquistão como uma fortaleza do Islã e denunciasses os judeus e hindus. As mulheres paquistanesas passaram a viver em uma situação mais restrita, pelo estabelecimento de leis islâmicas como a redução do valor do testemunho de uma mulher nos tribunais para metade do testemunho de um homem, pela obrigatoriedade de possuir permissão de um homem para abrir conta bancária e a proibição de praticarem alguns esportes. Milhões de refugiados afegãos receberam asilo e treinamento do serviço de inteligência paquistanês (ISI) para serem membros da resistência contra a União Soviética e com apoio em dinheiro, armamento e combatentes voluntários dos Estados Unidos, de outros países ocidentais e do mundo árabe, ele transformou o Afeganistão em um ponto de mobilização para o ocidente frear o crescimento do comunismo

soviético e para os mulçumanos que tinham o Paquistão como nação islâmica amiga sofrendo ataque de infiéis e tornou a jihad (guerra santa ou conflito interno) como o sexto e mais importante pilar da religião islâmica.

Relatando ainda sobre o combate ao exército soviético, Yousafzai e Lamb (2013, p.41) escreve:

Alguns meninos que moravam no distrito de meu pai foram lutar no Afeganistão. Ele lembra que certo dia um maulana chamado Sufi Mohammad apareceu na aldeia e convidou os rapazes a se juntar a ele no combate aos russos, em nome do Islã. Muitos concordaram e partiram, às vezes armados somente com machados e bazucas. Não tínhamos como saber que, anos depois, a organização criada por aquele mesmo maulana se tornaria o Talibã do Swat.

O Talibã chegou ao Vale do Swat quando Malala tinha dez anos de idade, em grupos de homens armados que não se identificavam como talibãs e também não se pareciam com talibãs afegãos, segundo ela. O líder deles, Maulana Fazlullah, estudou na madrasa do Sufi Mohammad e casou-se com a filha dele, assumindo essa posição quando seu sogro foi preso em 2002.

Fazlullah instalou clandestinamente uma estação de rádio em Imam Deri, uma aldeia do Vale e pela comunicação ser feita predominante por esse meio, a estação Mulá FM, como também, suas transmissões feitas diariamente, logo chegaram ao conhecimento de muitos habitantes.

A princípio, apresentando-se como reformador islâmico e bom intérprete do Corão e se mostrando razoável, ele e também seu assistente estimulavam a população a adotar bons hábitos e a abandonar práticas consideradas por ele como ruins e pecaminosas, como de assistir filmes, dançar e ouvir música com o argumento de que esses atos teriam sido as causas de um terremoto que aconteceu lá anteriormente e poderiam novamente provocar a cólera de Deus se continuassem sendo feitos.

Tendo cada vez mais habitantes que lhes eram favoráveis, o considerando um bom intérprete do Corão, admirando seu carisma, gostando da sua defesa pela volta da lei islâmica por estarem insatisfeitos com o sistema jurídico paquistanês instaurado quando o vale tornou-se parte do Paquistão, que fazia com que processos antes resolvidos rapidamente passassem a levar mais tempo para ir a julgamento e funcionários públicos corruptos fossem enviados ao vale, suas instruções foram sendo colocadas em prática e DVDs, CDs, aparelhos de TV começaram a ser descartados pelas pessoas e

incendiados pelos integrantes do movimento, que também entravam nas casas e tomavam os aparelhos daqueles que optavam por continuar fazendo o uso deles.

Analisando os problemas locais e atacando os responsáveis por eles, conseguiram o apoio da maioria, como de muitas mulheres que lhes davam ouro, dinheiro e até mesmo toda economia que tinham. Essas contribuições, em conjunto com a força de trabalho local, feito voluntariamente, tornaram-se a base para a construção de um grande quartel-general.

A cada dia, Fazlullah ia dando novas ordens, fechando salões de beleza, deixando barbeiros desempregados pela proibição de que homens se barbeassem; proibindo mulheres de irem às compras e as liberando para sair somente em casos de extrema necessidade, cobrindo-se com véu ou burca; fechando todas as lojas de DVD; pregando contra a educação e que meninas não deviam estudar com o argumento de que quem frequentasse escolas estaria pecando e iria para o inferno. Proibiu também, a vacinação da população por acreditar que essa seria conspiração americana visando a esterilização das muçulmanas e acabar com o *Swat*. Além disso, controlava tribunais locais, estabelecendo punições violentas como chicoteamentos públicos, criando postos de controle e patrulhas armadas objetivando encontrar quem estivesse infringindo seus decretos, instruindo os militantes talibãs a matar *Khans*, ativistas políticos de partidos nacionalistas e seculares, policiais. Destruiu estupas e estátuas de Budas que faziam parte da história local havia milhares de anos (YOUSAFZAI e LAMB, 2013).

Logo, ocupando muitas aldeias e a capital do país, com a declaração de guerra ao governo do Paquistão, houve ataques a militares, muitos através de homens-bomba, e batalhas entre o talibã e o exército, não somente do grupo de Fazlullah como de diversos outros que foram surgindo, tornando-se uma frente unificada intitulada como Tehrik-i-Taliban-Pakistan (TTP).

Esse contexto de violência, que foi ficando cada vez pior e se estendeu por anos, acarretou muita destruição, o açoitamento e o assassinato de muitas pessoas e naquelas que não tinham como sair do país, a tentativa de sobreviver da maneira que lhes era possível.

Entre os pouco cidadãos que protestavam contra o talibã, estavam os jornalistas e os ativistas, como Malala e seu pai que defendiam os direitos das

peessoas, a paz e a educação, discursavam e concediam entrevistas para disseminar o que vinham vivendo no *Swat*, conscientizar que as implementações do talibã nada tinham a ver com o Islã, condenar ataques, cobrar medidas do Estado e organizar as pessoas para se contraporem a eles.

Embora a milícia talibã nunca tivesse atacado uma menina, Malala e sua família vinham recebendo ameaças que se concretizaram quando ela foi baleada pelos extremistas em outubro de 2012, aos quinze anos, voltando da escola para sua casa. Esse ataque que lhe deixou entre a vida e a morte, a fez ter de sair de seu país natal, tornando-a reconhecida mundialmente como a “[...] garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã”, como cota da capa de seu livro (YOUSAFZAI e LAMB, 2013).

4. METODOLOGIA

Com o intuito de alcançar os objetivos estabelecidos, o presente trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2011), tem como objetivo principal fazer o desenvolvimento, o esclarecimento e a modificação de conceitos e ideias, visando a construção de problemas que sejam mais precisos ou hipóteses que sejam pesquisáveis para futuros estudos.

4.1 Procedimento

O procedimento foi composto de revisão bibliográfica que se fundamenta em pesquisas feitas anteriormente (PÁTARO e OLIVA, 2017), sendo essas, em sua grande maioria, constituídas de livros e artigos científicos, além de estudo de caso que se caracteriza pelo extenuante e profundo estudo de um ou alguns objetos, de forma que se permita conhecê-los ampla e detalhadamente, conforme Gil (2011).

4.2 Coleta de dados

Para agrupar e sintetizar resultados sobre adolescência, ativismo e conteúdos conscientes e inconscientes à luz da psicanálise, foram pesquisados em bases de dados como Google Acadêmico, Scielo, sites e bibliotecas os seguintes descritores: adolescência e psicanálise, psicanálise, ativismo e militância, ativismo social. O período das publicações corresponde de 2010 a 2020.

Além de artigos científicos, foram levantados, também, livros que contemplam o tema proposto. Os resultados passaram por uma leitura exploratória, pois era conveniente entrar em contato com as obras em suas totalidades (GIL, 2011). Os critérios de inclusão foram textos completos on-line e em português, artigos, teses, dissertações e publicações em periódicos que, em seus títulos e/ou resumos, faziam referência à adolescência e à psicanálise, bem como ao ativismo. Também foram considerados conteúdos conscientes e inconscientes em psicanálise.

Como critérios de exclusão, textos em outros idiomas que não o português e que não traziam em seu conteúdo informações diretas sobre os descritores pesquisados foram descartados. Posteriormente, seguindo Gil (2011), os textos escolhidos passaram por uma leitura seletiva na qual as partes que mais interessavam foram lidas de forma mais profunda.

Para interpretação e análise de conteúdo foram elencadas, com base na literatura estudada, algumas passagens do livro “Eu sou Malala”, da ativista Malala Yousafzai.

4.3 Resultados e Discussão

Nas bases de dados Google Acadêmico e Scielo, referente aos descritores “ativismo e militância” e “ativismo social” foram identificadas 2.986 publicações que através de leitura do título e do resumo foram reduzidas para 12 e dessas, para 4 por meio dos critérios de inclusão e exclusão. Sendo elas: 3 artigos e 1 tese de doutorado.

Referente ao descritor “adolescência e psicanálise”, nas mesmas bases de dados, foram identificadas 179 publicações. Utilizando-se o mesmo processo citado acima, essas foram reduzidas para 5 e posteriormente a 2 artigos.

Foram utilizados 11 livros temáticos, 5 artigos, 1 dicionário de português e 1 tese de doutorado.

Quadro 1 – Fontes de informações utilizadas

Base / Ano	Tipo de Publicação	Título	Autores
Scielo, 2018	Artigo	Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica	Juca, V. S; Vorcaro, A. M. R.
Scielo, 2015	Artigo	O problema do saber na adolescência e o real da puberdade	Viola, D. T. D; Vorcaro, A. M. R.
Scielo, 2012	Artigo	É preciso ir aos porões	Veiga-Neto, A.
Scielo, 2016	Artigo	Cidadania, ativismo e participação na internet: experiências brasileiras	Luvizotto, C. K.

Scielo, 2014	Artigo	Desafios ativistas à democracia deliberativa	Young, I. M.
Dicio, 2020	Dicionário Online de Português	Ativismo	7Graus
Artes Médicas, 1981	Livro	Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico	Aberastury, A; Knobel, M.
Saraiva, 2001	Livro	Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia	Bock, A. M. B; Furtado, O; Teixeira, M. L. T.
Publifolha, 2009	Livro	A adolescência	Calligaris, C.
Casa do Psicólogo, 2012	Livro	Adolescência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social	Cassorla, R. M. S; Levisky, D. L. et al.
Companhia das Letras, 2013	Livro	Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã	Yousafzai, M; Lamb, C.
Atlas, 2011	Livro	Métodos e técnicas de pesquisa social	Gil, A. C.
InterSaberes, 2017	Livro	Construindo a pesquisa: métodos, técnicas e práticas em sociologia	Pátaro, C. R; Oliva, D. C.
Blucher, 2015	Livro	O que é psicanálise: para iniciantes ou não...	Herrmann, F.
Imago, 1969	Livro	Psicologia de grupo e a análise do ego e dois verbetes de enciclopédia	Freud, S.
Autêntica, 2014	Livro	Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados	Freud, S.
InterSaberes, 2018	Livro	Fundamentos psicanalíticos	Quadros, E. A.
Base de Dados da Unesp, 2019	Tese	Militância e Ativismo: cinco ensaios sobre ação coletiva e subjetividade	Sales, A. L. L. F.

4.3.1 Análise de conteúdo das passagens elencadas do livro “Eu sou Malala”¹

Consta em Yousafzai e Lamb (2013) que Malala escreveu um diário para BBC, usando Gul Makai como pseudônimo, relatando acontecimentos de sua vida sob o regime talibã, como o de continuar indo para a escola até o último momento do prazo estabelecido para que as meninas deixassem de ir as aulas, mesmo com medo de que fosse atacada e com o talibã bombardeando muitas escolas, participando de um documentário para New York Times quando o prazo encerrou-se e sua escola teve de ser fechada.

Malala, por se posicionar contra a violência generalizada provocada pela milícia talibã do Swat e pelo direito à educação e à paz, desempenha as funções de ativista no individual e de militante no coletivo quando se une a pessoas com o mesmo ideário como seu pai, outros ativistas e jornalistas, com intuito de modificar o contexto vivido por meio de ações (VEIGA-NETO, 2012).

A defesa de causas, ideias ou ideologias que motivam a atuação, deliberação, discussão, participação e execução de ações visando transformação social no ativismo (LUVIZOTTO, 2016) assemelha-se ao que ocorre ao adolescente quando este chega à maturidade biológica, afetiva e intelectual. Ao adquirir uma ideologia e um sistema de valores que o faz se adaptar ao mundo em que está inserido ou confrontar as ideologias e valores desse mundo, rejeitando situações, posicionando-se e colocando sua ideia de modificação em ação que provoca fricções com a família e no meio social (ABERASTURY e KNOBEL, 1981), nos leva à base do entendimento de que o ativismo é também uma característica da adolescência.

Segundo Herrmann (2015), aquilo que move o indivíduo em alguma direção, por mais privado que pareça ser em sua concepção, não tem sua origem real nele, mas sim nos campos do inconsciente social e do psiquismo que são inacessíveis a consciência. No que tange a aquisição de ideologias que são fundamentais tanto no ativismo como na adolescência, especialmente

¹ Citações referentes a Malala Yousafzai foram retiradas de seu livro “Eu sou Malala: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã” escrito com Chistina Lamb e publicado em 2013. Por ser a obra estudada nesse trabalho, o ano de publicação não se repete.

neste último, faz-se presente importante procura por figuras ideais com quem o adolescente busca se identificar (ABERASTURY e KNOBEL, 1981).

Em um contexto social tomado por violência, como o do *Swat* sob regime da milícia talibã, que adolescentes e crianças mais vulneráveis tendem a ser as principais vítimas e passam a viver em uma espécie de estado confusional, adultos que não estejam vivendo e se comportando como eles, de forma perdida e confusa, são primordiais para ocuparem o lugar de figuras ideais que os ajudarão a distinguir o mau do bom, o criativo do destrutivo, o certo do errado, o que fazer do que não deve ser feito e como as coisas devem ser feitas (CASSORLA, 2012).

De acordo com as informações compartilhadas por Malala sobre sua história, como na citação abaixo, pode-se observar que seus pais, mais especificamente seu pai, ocupa para ela o lugar de figura ideal que lhe transmitiu as ideologias de seu ativismo:

[...] tive muita sorte por nascer em uma família cujo pai respeita minha liberdade de pensamento e expressão, e que me fez parte de sua caravana da paz; e cuja mãe encoraja a mim e a meu pai em nossa campanha por paz e educação. (p. 337)

Malala reafirma a importância do pai, demonstrada ao longo de seu livro, sobre os valores que possui, forma de pensar e de agir, como consta da seguinte passagem:

[...] Quando me conta histórias de sua infância, meu pai sempre diz que, embora fosse um homem difícil, Baba lhe deu o presente mais importante de todos: a educação. Enviou-o para o colégio secundarista do governo, a fim de que ele aprendesse inglês e recebesse uma educação moderna em vez de mandá-lo para uma madrasa. Essa escolha o sujeitou, como imã, às críticas de outros religiosos. Também lhe transmitiu um profundo amor pelo aprendizado e pelo conhecimento, assim como uma consciência aguda quanto a direitos - que meu pai transmitiu para mim. [...] (p. 46)

Essa passagem mostra-nos o prolongamento da influência parental, que é constituída pela entidade dos pais naquilo que eles representam e transmitem como tradições de povo, raça e família, pelo seu supereu (FREUD, 2014 [1940]). O impacto dessa influência em seu ativismo pode ser observado também na passagem em que a adolescente e seus pais tomam ciência da ameaça de morte que ela recebeu do Talibã e ao seu pai sugerir que eles deveriam dar uma pausa na campanha. Malala questionou:

"Como? Não foi você que disse que, se acreditamos em algo maior que nossa vida, então nossas vozes vão se multiplicar, mesmo que a morte chegue?", respondi. "Não podemos desonrar nossa campanha!" (p. 236)

As pessoas me pediam para discursar em vários eventos. Como recusar, alegando um problema de segurança? Não podíamos fazer isso, principalmente como pachtuns orgulhosos de nossa origem. Meu pai sempre diz que o heroísmo está no DNA pachtum." (p. 236)

O engajamento de Malala na luta pela paz e pela educação, compartilhada com seu pai, pode também estar ligado ao reconhecimento que o adolescente busca quando ainda não sabe quem é, por não se ver mais como criança amada e ainda não se ver reconhecido como adulto, tentando interpretar quais expectativas se tem dele e as respondendo colocando em prática os ideais que são desejos reprimidos dos adultos (CALLIGARIS, 2009).

Ao que diz respeito ao desejo colocado em prática por Malala, pode-se inferir que se trata do heroísmo almejado por seu pai, presente ao nomeá-la em homenagem a maior heroína do Afeganistão, de quem a história contava a todos que fossem à sua casa, e a música sobre ela, escrita pelo poeta Rahmat Shah Sayel, cantava para Malala quando ela era bebê, sendo sua última estrofe a seguinte (YOUSAFZAI e LAMB, 2013):

Oh, Malala de Maiwand,
Ergue-te mais uma vez para fazer os pachtuns entenderem o
significado da honra,
Tuas palavras poéticas movem mundos,
Eu imploro, ergue-te mais uma vez. (p.23)

Esse desejo também pode ser observado em seu discurso, na passagem em que Malala comenta:

[...] Ele queria que nós nos inspirássemos em nossos grandes heróis, mas de um modo adequado a nossos tempos: com canetas, não com espadas. Assim como Khattack desejou que os pachtuns se unissem contra um inimigo estrangeiro, nós devemos nos unir contra a ignorância. (p. 58)

Na identificação, considerada por Freud (1969) a mais primitiva expressão do laço emocional que se pode ter com outra pessoa, o próprio ego esforça-se para se moldar de acordo com o aspecto daquele que tomou como modelo. Sendo seu pai a pessoa com quem se identifica, o aspecto dele que é tomado pela adolescente é o engajamento em causas, em política que se fez forte já no período em que ele ingressou na faculdade.

[...] Meu pai passou a se envolver mais em política, ampliando sua reputação de bom orador e debatedor. Tornou-se secretário-geral da Federação Pakhtoon de Estudantes (PSF), que reivindicava direitos iguais para os pachtuns. [...] (p.54)

Esse traço de engajamento político faz-se constante ao passar dos anos, como se pode observar quando Malala compartilha que "Desde pequena me interessei por política. Ficava sentada nos joelhos de meu pai, ouvindo tudo que ele e seus amigos discutiam. [...]" (p.98) e "[...] meu pai estava preocupado. Ele e seus amigos ativistas faziam reuniões intermináveis não apenas sobre preservação do meio ambiente, mas também sobre educação e democracia." (p. 108).

Segundo Freud (2014 [1940]), na influência parental também constam as contribuições de figuras que sucedem e substituem os pais, como modelos públicos de honrados ideais presentes na sociedade. Com base nisso, pode-se compreender que o ativismo de Malala dá-se também porque, além da identificação com seu pai, há a identificação com outra figura ideal, Benazir Bhutto, que "foi a primeira mulher a se tornar primeira-ministra no Paquistão, e a primeira, em todo o mundo islâmico, a participar de um governo. [...]" (p.53,54). Sobre ela, Malala comenta:

Ela estava no exílio desde que eu tinha dois anos de idade, mas meu pai falara tanta coisa sobre sua vida que eu estava muito animada com sua possível volta, quando então teríamos de novo uma mulher no poder. Era por causa de Benazir que garotas como eu podiam pensar em manifestar suas ideias e entrar no mundo da política. Ela era nosso exemplo, simbolizava o fim da ditadura e o começo da democracia, ao mesmo tempo em que mandava uma mensagem de esperança e força para o resto do mundo. Além disso, era nosso único líder político a falar contra os militantes e afirmar que ajudaria os soldados americanos a caçar Osama bin Laden no território do Paquistão. (p. 139,140).

Acerca do ataque que tirou a vida de Benazir, em sua reação, diz Malala: "[...] Quando eu soube que Benazir estava morta, meu coração me disse: 'Por que você não luta pelos direitos das mulheres?'"[...] (p.144). A indagação vinda de seu coração remete ao que mesmo parecendo vir de dentro, se origina na vida biológica e social, o desejo que é aquilo que faz o indivíduo pensar, fazer e ser o que é, como diz Herrmann (2015). Esse que é em conjunto com o anseio, um dos significados de libido, a qual, derivada do latim, trata-se da

energia usada pela pulsão de vida ou sexual, situando-se em diferentes partes do organismo no decorrer do desenvolvimento e podendo ser direcionada a objetos, pessoas e atividades intelectuais (QUADROS,2018).

As pulsões Eros, de amor, e Thanatos, de morte e destruição, forças presentes nas tensões provocadas pelas necessidades do Isso, com origem corpórea (FREUD,2014 [1940]) podem sofrer sublimação. A sublimação, que é um dos mecanismos de defesa utilizado pelo ego frente aos desafios das pulsões e do ambiente externo, faz com que as energias das pulsões sejam direcionadas a objetos substitutos e desviadas para outras metas que não as originais, como o investimento em realizações individuais que são úteis para a sociedade e em realizações culturais que auxiliam o funcionamento da sociedade (QUADROS,2018).

O ativismo de Malala, considerando a passagem abaixo, pode também ser compreendido como uma possível sublimação de pulsões realizada por seu ego.

[...] Eu queria criar uma fundação educacional. Pensava nisso desde que tinha visto as crianças trabalhando nos montes de lixo. Não conseguia esquecer a imagem das ratazanas que tinha visto lá nem a menina de cabelo embaraçado que separava o lixo. Fizemos uma reunião de 21 garotas e adotamos como prioridade a educação para todas as meninas do Swat, concentrando-nos especialmente no trabalho infantil e nas crianças de rua. (p.228)

Quando cruzamos o desfiladeiro Malakand, vi uma mocinha vendendo laranjas. Para cada laranja que vendia, ela fazia uma marquinha com lápis num pedaço de papel, pois não sabia ler nem escrever. Tirei uma foto e jurei que faria tudo o que estivesse a meu alcance para ajudar a educar garotas como ela. Era a guerra que eu ia travar. (p. 228)

O crescimento lúcido e ativo de adolescentes, demonstrando o intuito de atuar sobre e promover modificações no mundo, ocorre devido a transformações pessoais vivenciadas, bem como o posicionamento desses de não submeter e nem se submeter (ABERASTURY e KNOBEL, 1981). Assemelham-se ao torturamento na tentativa de mudar a si mesmo e promover mudanças em outras pessoas, a priorização do reajustamento contínuo, compromisso ético com a reflexão, com atitudes para consigo mesmo e com outros de forma verdadeira e coerente vivenciadas pelo ativista, além da autonomia e da horizontalidade incentivadas em ambientes ativistas (VEIGA-NETO, 2012).

[...] contei a minhas amigas na escola sobre as crianças no lixão e afirmei que deveríamos ajudá-las. Nem todas se mostraram dispostas, alegando que as crianças eram sujas e provavelmente doentes, e que seus pais não gostariam que estudassem junto com meninas e meninos como aqueles. Também disseram que não cabia a nós resolver esse tipo de problema. Discordei. "Podemos ficar paradas e esperar que o governo ajude, mas isso não vai acontecer. Se posso ajudar a sustentar uma ou duas crianças, e outra família pode sustentar mais uma ou duas, então conseguiremos ajudar todas elas."

Eu sabia que não adiantaria apelar para o general Musharraf. Em tais circunstâncias, pela minha experiência, se meu pai não pudesse ajudar, havia apenas uma opção. Então escrevi uma carta a Deus.

Querido Deus

Sei que o Senhor vê tudo, mas há tantas coisas que às vezes alguns detalhes podem passar despercebidos, sobretudo agora, com o bombardeio do Afeganistão. Mas acho que o Senhor não ficaria feliz se visse a maneira como algumas crianças da minha rua estão vivendo, num lixão. Deus, me dê força e coragem e me aperfeiçoe, pois quero transformar este mundo num mundo perfeito.

Malala (p. 98)

Outro ponto também ilustrado no posicionamento de levar outras adolescentes à reflexão de que o governo não lhes daria ajuda, é a possível semelhança entre o conflito normal entre gerações que permite ao adolescente, ao negar as figuras parentais, diferenciar-se desses e tornar-se si mesmo (CASSORLA, 2012).

Com a contraconduta, a diferença, a liberdade que caracterizam o ativismo e com o ativista que não se limita, não segue um compilado de ideias (VEIGA-NETO, 2012). Isso porque, o adolescente e o ativista acreditam que as instituições e as pessoas que as comandam geram ou reproduzem os problemas agudos da sociedade, o que os fazem se opor ao funcionamento, ações e políticas muitas vezes impostas, demonstrando, assim, indignação e descontentamento por meio de ações (YOUNG, 2014).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar a história de Malala e identificar os possíveis conteúdos conscientes e inconscientes que fizeram a adolescente tornar-se ativista foi o objetivo deste trabalho. Para tal, buscou-se primeiro tratar sobre a adolescência, ativismo e militância e conteúdos conscientes e inconscientes na teoria psicanalítica.

Ao que diz respeito a adolescência, diferentemente da puberdade que provoca modificações corporais com finalidade biológica, essa é considerada um evento social e culturalmente imposto, um período de desenvolvimento cultuado pela sociedade, que a tem como objeto e um meio de concretizar seus sonhos e pesadelos. É também caracterizada por instabilidade, desequilíbrio, dor, confusão, ambivalência, desprendimento e insegurança, pela possibilidade do uso de violência, pela busca por uma nova identidade, reconhecimento, ideologia e por figuras de identificação.

No cenário brasileiro, ativismo e militância encontram-se ainda como sinônimos. Embora ambos digam respeito à produção de ações que visam a modificação do contexto vivenciado, tratam-se de distintas metodologias. Tanto o ativismo como a militância podem ser desempenhados pelo mesmo indivíduo, mas enquanto o ativismo está no âmbito individual e possui entre suas características maior flexibilidade, reflexão, autonomia, tolerância a mudanças, liberdade, o não seguimentos de ideias e a não limitação, a militância, está no coletivo, com o seguimento de ideias em comum por membros que constituem uma comunidade, com a resistência, disciplina, limitação, menor tolerância a mudanças, repetição, tendência a diminuição da flexibilidade e enrijecimento da moralidade.

Acerca do aparelho psíquico, entende-se que esse vai além do que é consciente ao indivíduo, incluindo um sistema (pré-consciente) que seleciona atos motores, vias de pensamento e retêm conteúdos que podem se tornar conscientes. E outro, o inconsciente, que contém conteúdos originalmente inconscientes e conteúdos que em um primeiro momento conscientes passaram a ser inconscientes, permanecendo dessa forma devido a censuras internas.

Inicialmente constituído somente por Id (Isso) com seu conteúdo hereditário, em seu desenvolvimento, o aparelho psíquico torna-se também Ego (Eu), a instância que se pautando no momento presente gerencia o Id, a realidade e o Superego (Supereu), instância que traz influências passadas advindas de outros.

Com base em semelhanças entre o ativismo e a adolescência, principalmente a defesa de ideologias, causas que levam a ações práticas com a finalidade de se modificar o contexto ao qual se está inserido e não se concorda, constata-se que o ativismo trata-se também de uma característica da adolescência.

No caso da adolescente Malala, a luta pela paz e a educação se dá pela importante identificação com seu pai e Benazir Bhutto, figuras ideais das quais as contribuições constituem a influência parental prolongada pelo seu Superego. Desse modo, o engajamento nessas causas e em política é o aspecto tomado por seu Ego que tenta se moldar de acordo com esses modelos, pela busca de reconhecimento presente na adolescência que a fez colocar em prática o desejo de seu pai, o heroísmo, como também, pela sublimação de suas pulsões por seu Ego fazendo a energia delas, a libido, ser direcionada a objetos e metas que são úteis a toda a sociedade e não somente a ela.

Os resultados obtidos contribuem para a reflexão do que leva os adolescentes a pensarem e agirem da forma como pensam e agem, ou seja, como se posicionam no mundo em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ATIVISMO. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ativismo/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; Teixeira, Maria de L. Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2009.

CASSORLA, Roosevelt M. S. Prefácio. In: LEVISKY, David Léo et al. **Adolescência pelos caminhos da violência**: a psicanálise na prática social. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/2291>. Acesso em: 09 out. 2020.

FREUD, Sigmund. (1921-1923 [1922]). **Psicologia de grupo e a análise do ego e dois verbetes de enciclopédia**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, Sigmund. (1940). **Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados**. 1. ed. [S.l.]. Editora Autêntica, 2014. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/36704>. Acesso em: 23 fev. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

HERRMANN, Fabio. **O que é psicanálise**: para iniciantes ou não... 14. ed. São Paulo: Blucher, 2015. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/163868>. Acesso em: 24 fev. 2021

JUCA, Vlândia dos Santos; VORCARO, Angela Maria Resende. Adolescência em atos e adolescentes em ato na clínica psicanalítica. **Psicol. USP**. São Paulo, v. 29, n. 2, 246-252, maio/ago. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642018000200246&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jan. 2021.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. Cidadania, ativismo e participação na internet: experiências brasileiras. **Comunicação e sociedade**. Braga, v. 30, 296-312, dez. 2016. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S2183-35752016000200010&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 30 ago. 2020.

PÁTARO, Carolina Ribeiro; OLIVA, Diego Coletti. **Construindo a pesquisa: métodos, técnicas e práticas em sociologia**. Curitiba: InterSaberes, 2017. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/52522>. Acesso em: 24 ago. 2020.

QUADROS, Emérico Arnaldo de. **Fundamentos psicanalíticos**. Curitiba: InterSaberes, 2018. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/163468>. Acesso em: 31 mar. 2021.

SALES, André Luis Leite de Figueirêdo. **Militância e Ativismo: cinco ensaios sobre ação coletiva e subjetividade**. Orientador: Silvio Yasui. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/190776/sales_alf_dr_assis.pdf?sequence=3. Acesso em: 02 jan. 2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v.17, n.50, 267-282, maio/ago. 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782012000200002&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 29 set. 2020.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra; VORCARO, Angela Maria Resende. O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 26, n.1, 62-70, jan./abr. 2015. Acesso em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000100062&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jan. 2021.

YOUNG, Iris Marion. Desafios ativistas à democracia deliberativa. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.**, Brasília, n. 13, 187-212, abr. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-33522014000100008&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt . Acesso em: 29 ago. 2020.

YOUSAFZAI, Malala; LAMB, Christina. **Eu sou Malala**: a história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.